

MUSEU DA PESSOA

História

Be-a-bá de um médico na cidade maravilhosa

História de: [David Szpacenkopf](#)

Autor: [Érika](#)

Publicado em: 17/06/2021

Sinopse

Filho de pais poloneses. Segunda Guerra Mundial. Infância no Andaraí. Velocípede. Praia de Copacabana. Cheiro do mar. Classe média carioca. Colégio, ginásio, bonde, vestibular, vida acadêmica, estágio de cirurgia, Baile no Hotel Glória, experiências profissionais e dono de plano de saúde.

História completa

Projeto Memória Unimed-Rio Realização Museu da Pessoa Entrevista de David Szpacenkopf Entrevistado por Aparecida Mota, Clóvis Bucich e Fernando Bogo Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2004 Código: UMRJ_HV001 Transcrito por Maria da Conceição Amaral da Silva Conferido por Rodrigo Cunha Alves Ferreira (?) Revisado por Ana Paula Ferreira Silva P/1 – Bom dia, Doutor David. R – Bom dia, Professora. P/1 – Primeiro, queria agradecer por estar aqui nesta entrevista do Projeto Memória Unimed-Rio. Quero agradecer, especialmente, em nome do Museu da Pessoa. E agora, comece dizendo seu nome completo, local e data do seu nascimento. R – Meu nome é David Szpacenkopf. Nasci na cidade do Rio de Janeiro, precisamente no Hospital Gafrée e Guinle em 7 de novembro de 1938. P/1 – Queria que falasse o nome dos seus pais e a principal atividade deles. R – Meu pai chamava-se Elja Majer Szpacenkopf e minha mãe, Malk Szpacenkopf. Eram comerciantes de origem polonesa e vieram para o Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Meu pai veio em 1936, minha mãe em 1937. Conheceram-se e casaram-se no Rio. Conheceram-se no Tijuca Tênis Clube e casaram dia 31 de dezembro de 1937. E nasci em novembro, nessa cidade. P/1 – Tem alguma lembrança, memória ou notícia dos seus avós? R – Não, não tenho porque minha mãe veio para o Brasil fazer um passeio em 1936. Perdão, em 1937. E, no início do ano, porque na terra dela era muito frio e tinha um tio que morava em São Paulo. Então, vieram duas irmãs. Ela e a minha tia. E vieram para passear. Desembarcaram em Santos. Saíram do porto, do único porto alcançável da Polônia que era o Porto de Gdynia. E vieram para o Brasil. E logo depois, estourou o início da Segunda Guerra. E por questões políticas da época, da ditadura, ela não pode trazer os pais, nem o irmão mais novo que morreram em campo de concentração. E meu pai veio para cá em 1936. Meu avô tinha doze filhos e ficou viúvo. E meu pai não aceitou a segunda, a madrasta, então, resolveu vir para o Brasil. Porque um dos filhos já... um dos irmãos já morava no Brasil. Então, veio bater no Rio de Janeiro. Veio morar aqui e daí conhecendo minha mãe, casou. P/1 – E irmãos? R – Tinha um irmão. Meu irmão é falecido há três anos atrás. P/1 – Doutor David, onde morava quando pequeno? R – Morava em uma área que hoje há dúvidas sobre o nome do bairro. Quando era pequeno, lá se chamava Andaraí e depois virou Aldeia Campista, na Rua Pereira Nunes. E, posteriormente, disseram “Não, Pereira Nunes tem um pedaço dela que é em Vila Isabel.” Aí fiquei muito orgulhoso porque gosto muito de samba. E, realmente, aí diziam “Não, não, Pereira Nunes, o teu pedaço é Andaraí ou Aldeia Campista.” Bom, agora com o negócio da novela Celebridade valorizando o Andaraí, digo que nasci e morei no Andaraí até o ano de 1945. P/1 – E como é que era isso? Morar no Andaraí nessa época? Brincava na rua? R – Lembro, de fotografia, que morava em uma casa modesta, pequena. Mas andava de velocípede. Tem fotografias minhas de criança quando morava, nessa época, nessa casa. E depois fui... mudamos para Copacabana. E nunca mais voltei. Não esqueço desse momento porque quando conheci o mar, o cheiro do mar ficou na minha memória, né? E também é uma coisa engraçada. Porque morava na Rua República do Peru e vi muitos policiais militares dos americanos, que a gente vê em filme de guerra americano: MP – Military Police. Com aqueles bastões compridos de madeira clara. Eles andavam por ali porque tinha uma boate famosa chamada Lido, na Avenida Atlântica, e aquilo ficava cheio de marinheiro americano. E eu, com 7 anos, fui para lá, lembro muito bem da presença desses americanos, das balbúrdias que faziam na rua. Muita briga. Mas essa lembrança de morar no Posto Três, realmente, não vou esquecer. Porque o contato com a praia, a criança sempre gosta. E em 1945, mudei para Copacabana. P/1 – Mas e essa casa do Andaraí, lembra como é que era? R – Não, não lembro. Não tenho lembrança, não. P/1 – E essa da República do Peru? R – Da Rua do Peru tenho muita lembrança porque morei muitos anos lá. Morei dos 7 aos 13, exatamente. E estudava no Colégio Anglo-Americano, na época, que era na Praia de Copacabana. Hoje é um edifício. E me lembro de irmos quase todo dia ao sair do colégio. O próprio colégio levava para brincar na praia. Porque era o jardim de infância, né? Posteriormente, o colégio foi vendido, virou um edifício. E daí então, passei a estudar no Colégio Anglo-Americano, em Botafogo, onde hoje é o prédio da Shell. Ali era o Anglo-Americano. E era o único colégio da época, senão me engano, no Rio, que tinha piscina. Então, a gente aprendia a nadar no colégio. E foi uma coisa assim positiva. Mas essa lembrança do Posto Três tenho muito forte. Até aconteceu um fato muito engraçado: tinha uma senhora loura muito bonita e que, às vezes, descia no elevador. E aquilo ficou. E o mundo dá volta, né? E acabei conhecendo-a uns cinquenta anos depois. É a Maria Della Costa, a atriz de quem a minha mulher fez tese de Doutorado. E hoje é minha amiga pessoal. P/1 – Doutor David, como era o cotidiano na sua

casa em Copacabana? Como é que era a autoridade dentro da família? R – É a autoridade exercida pelo pai. A gente tinha uma série de liberdades. Porque, naquela época, em Copacabana, a Rua República do Peru tinha um, dois edifícios só. O resto era casa. Então, era uma coisa prazerosa ir à rua e brincar com os amigos. Em frente à minha casa tinha uma churrascaria chamada Jardim que, na época, era, assim, a churrascaria mais famosa de Copacabana. E se brincava bastante, estudava. Ia para o Colégio Anglo-Americano, em Botafogo, de bonde. E teve uma determinada época que comecei já a encaminhar para o colégio sozinho. Mas tinha que pegar um bonde que deixasse na Rua Bambin para poder atravessar as ruas menores e chegar na Praia de Botafogo. Porque a Praia de Botafogo já era conhecida como praia perigo, como uma rua perigosa. P/1 – Doutor David, a educação que teve em casa era uma educação religiosa? R – Não, não. Meus pais não eram religiosos, não. Tinha... a gente fazia acompanhamento religioso das festas. Nas festas comemorava porque, nessa época, meus tios, que eram mais religiosos, faziam as festas religiosas dentro da minha casa. Então, isso tenho realmente no meu álbum de fotografias: o meu tempo dessa época, dos 7 aos 13, dos 7 aos 12. Porque aos 13 me mudei. Então, de 7 aos 12 morei lá e me lembro de várias festas da minha religião nessa época. Ano novo, a Páscoa judaica que também era muito comemorada. P/1 – E discutia-se ou conversava-se sobre política na sua família? R – Olha, não. Não se discutia muita política, não. Acho que o fato deles serem, digamos, ex-estrangeiros; porque meu pai fez questão de se naturalizar, a tal ponto que ficou tão nacionalista que me obrigou a servir o Exército quando fiz 18 anos. E tinha chance de me desobrigar. Ele não abriu mão. Nem a minha passagem pelo Exército nem a do meu irmão. Então, fazia questão de dizer, batia no peito que era brasileiro. Que tinha carteira de identidade do Ministério da Guerra. Isso para ele era assim um orgulho muito grande, entendeu? Então, tínhamos esse bom relacionamento e, realmente, não se discutia política. Eventualmente, vinha na minha casa, mais tarde, um primo que era membro do Partido Comunista. E entrava todo esquisito, com umas roupas esquisitas. Porque, naquela época, era um pouco proibido, as pessoas do Partido não podiam, como hoje, serem abertamente, serem ativos do Partido, né? Então, tinha que entrar de chapéu, capa. E a coisa mais engraçada é que o chefe de polícia morava ao lado do meu apartamento. E meu pai morria de medo do cidadão lá, um dia desconfiar. Mas não conseguiu desconfiar, não. Porque logo depois meu primo abandonou o Partido. P/1 – Doutor David, agora queria que falasse um pouco como é que foram os seus primeiros estudos no Colégio Anglo-Americano? R – Olha, gostava muito do colégio, desde o jardim de infância, quando era em Copacabana, até o final do Ginásio. Na minha época chamava-se Ginásio, né? E gostava do colégio. O meu irmão também estudava lá. Houve uma tentativa da minha mãe de me colocar no Colégio Israelita, que fiquei só quatro dias. Não me adaptei e voltei. P/1 – Por quê? R – Porque não, deixei todos os meus amigos que fiz desde o Jardim de Infância. De repente, mudar para um colégio que era mais longe. Era ali, em Laranjeiras, morava no Posto Três. E estava bem adaptado. Gostava do colégio. E realmente tive bons professores de várias matérias. Então, era um aluno médio, mediano. Gostava de estudar. E bem adaptado. Até que tomei consciência de que o colégio não era assim tão... era de ensino fraco, mais voltado às atividades esportivas. Tanto que o Anglo-Americano, naquela época, foi campeão dos Jogos da Primavera, anos seguidos. Estavam muito preocupados em divulgar isso para captar mais alunos. Frequentavam o Jornal dos Sports que patrocinava os Jogos da Primavera. Então, aquilo era uma festa. Até que tomei consciência que não era bom, o grande colégio que precisava para meu futuro. E aí mudei para o Andrews. Mudei no primeiro ano do Científico. P/1 – Mas praticava algum esporte no Anglo? R – Praticava. Nisso aí fui bom. Porque aprendi a nadar no colégio. E naquela época, até aquele relatório... A minha filha ri disso, né? Éramos obrigados a usar um calção que cobrisse o peito para não pegar resfriado [risos]. Então, aprendi a nadar. Jogaram a gente na piscina e dali, ensinavam e foi, realmente, um bom aprendizado. Isso foi bom porque não criou fobia da... naquela época, era uma coisa assim. Hoje todas as crianças praticam esportes, etc. Mas tinha ginástica que praticava muito e natação. P/1 – Competia? R – Não, não competia, não. Aquilo era mais voltado para as meninas. As meninas é que competiam mais nos Jogos da Primavera. Mas, de qualquer maneira, serviu para um bom ensinamento. P/1 – Mas esse tempo no Anglo-Americano, acha que de alguma forma, influenciou a escolha da sua carreira? R – Não. Isso é uma coisa que vem de dentro. O colégio, na minha opinião, naquela época, não tinha nenhuma influência. É uma coisa que vem de dentro a escolha da profissão médica. P/1 – E quando é que achou que ia ser médico? R – Quando cheguei no... não, quando estava no Andrews, né? Aí decidi, não... entre o primeiro e o segundo ano do Científico (vou usar esses termos porque são os termos da época) que, realmente, escolhi. E isso foi importante. Porque o Colégio Andrews dirigia o ensino do Científico para a carreira que a pessoa fosse escolher. Então, tinham três turmas: da Engenharia, das Letras e da Medicina. Então, de acordo com a turma escolhida, direcionavam o aluno. Não é bem... é direcionavam, mas sem discriminação, né? Te ensinavam tudo, de um modo geral. P/1 – Mais alguém da sua família ou alguma circunstância influenciou essa decisão de estudar Medicina? R – Não, não. Isso veio de dentro. Para alegria até da família, porque ninguém influenciou. Realmente não, ninguém influenciou. P/1 – Então, agora, queria que falasse um pouco mais sobre o Andrews. R – O Andrews, é... quando tomei consciência de que o colégio era um pouco fraco, do ponto de vista do ensino, mais adiante, no quarto ano ginásial, pedi que me trocasse para o Andrews. Que é praticamente na mesma... um pouquinho mais adiante, na mesma calçada. E, realmente, lá foi um colégio, assim, interessante. Tinham atividades culturais. Tentei criar um Grêmio. E o diretor disse "que lá não tem negócio de criar Grêmio Literário, não." Porque o Flexa Ribeiro era um reacionário e eu estava acompanhado de um colega de família notoriamente de esquerda, que era o Grabois. A família Grabois. Quando viu aquilo disse assim: "Aqui não se pode fazer nada disso. Está proibido." E não pudemos criar um Grêmio Literário, uma coisa assim, para ter essas atividades. Achava que aquilo era subversivo. Então, fui seguindo. Até que decidi definitivamente que queria ser médico. E queria passar no vestibular junto com o colégio. Isso foi muito difícil. Mas inventei uma possibilidade. Era o terceiro aluno da turma, na época, e, no terceiro ano do Científico, pedi para o meu pai que forjasse na Carteira de Trabalho que iria trabalhar com ele, na fábrica dele. Porque ele era industrial, tinha uma fábrica de roupas. Então, eu dizia assim: "Você assina a minha carteira. Eu vou chegar no colégio e dizer assim: "Ó, vou ter que sair do colégio (que eles não queriam que saísse do colégio)". Porque queria estudar de noite em um que a gente chamava, na época, de Boate. Boate era o colégio que era fraco, mas que dava o diploma. E durante o dia, estudava de manhã no curso pré-vestibular do terceiro ano do Científico. Aí consegui sair. No primeiro mês, consegui sair. E consegui fazer exatamente isso: estudar para o vestibular e terminar o Científico. E não perder tempo para poder me formar rapidamente. E consegui isso. P/1 – Mas antes então, de entrar na faculdade de Medicina, queria que falasse um pouco mais sobre esse tempo do Científico. Como é que eram os seus amigos. Que tipo de divertimento faziam nessa época? R – Hum, hum. Olha, a grande diversão da época era cinema. Cinema, futebol, eventualmente. Porque já... o Maracanã já tinha sido... foi inaugurado em 1950 e isso aconteceu entre 1953 e 1955. Então, é uma época de cinema mais praia e muita atividade esportiva na praia. Quer dizer, tinha atividade pessoal. Não com os colegas de colégio, mas com os colegas de rua. Porque aí já fui morar no Posto Seis. Aos 12 anos, fui morar no Posto Seis, no Edifício Igrejinha. Era um edifício muito grande que tinha muitos vizinhos da minha idade. A gente tinha um grupo grande de praia. Jogo de vôlei, jogava muito. Futebol. Joguei futebol em um time da praia chamado Lá Vai Bola. E tinha bons amigos no prédio. Alguns de lembrança assim muito forte. Principalmente do maestro Radamés Gnattali. Foi meu vizinho e o filho dele era meu colega. Então, foi uma vizinhança boa. Uma época muito boa. Praia. E morando no Posto Seis pode nadar. Porque a água do mar no Posto Seis é viável para a natação. Sem perigo de vida, né? P/1 – E, nessa época, do Científico já começavam a namorar ou só na faculdade? R – Não, não. Se namorava,

mas aquele namoro proibido. Porque a década de 50 ainda tinha aquela coisa de... o namoro era uma coisa meio proibida. Quer dizer, para rapazes não era. Não tinha esse problema mas as moças tinham sempre um senão da família. Então, aquilo ali só foi melhorar depois de 1960. Entre 1950 e 1960 a coisa era meio difícil. Meio complicado. P/1 – Mas iam a bailes? R – Tinha. Eu fui... sou da geração do baile de formatura. E baile de formatura tínhamos do Ginásio, do Científico, depois, com essas duas, esses dois enfoques dava para se divertir bastante. Chegar de madrugada. Tem até uma brincadeira que fazia muito, porque ficava com medo de ser rejeitado para dançar. Então, convidava as pessoas para dançar com a mão na boca. Aí dizia assim: “Vamos dançar?” Ela dizia: “Não.” Aí a gente coçava o bigode, entendeu? Então, realmente... [Riso] Mas tinha smoking. Não tem negócio de alugar. Hoje se aluga. Naquela época, cada um tinha o smoking para poder ir à essas festas. Saía 4 horas da manhã. Voltava-se de bonde porque ninguém tinha carro. Classe média não tinha carro naquela época. P/1 – Doutor David, e como é que foi seu ingresso na faculdade de Medicina? R – Ah, muito engraçado. Porque fiz a prova, as provas foram difíceis. E, na época, só tinham três faculdades. E só me inscrevi em uma. Que tinha um determinismo: “Eu quero entrar para a matriz.” A matriz era a Faculdade Nacional de Medicina, da UFRJ. E fui fazer o vestibular. E fui vítima da primeira reforma do vestibular. Porque, no ano anterior, fazia prova escrita e depois tinha oral. E na prova escrita podia... ela não era eliminatória. Então, na prova oral, aí entrava os apaniguados. Então, a gente dizia: “Ah, a turma que se formou antes de mim (1961, formei em 1962), a gente apelidou de Clube dos 500.” Porque entraram 500 alunos. Que era uma coisa na época, sabe? Aí a Diretoria lá da faculdade resolveu fazer uma reforma e fui vítima dela. Foi a primeira vez que teve vestibular com prova escrita e dissertação de português, língua. E achei aquilo ótimo. E encarei direitinho. E os colegas que fizeram inscrição em outras faculdades ficaram completamente loucos porque tinham que fazer a prova e sair correndo para fazer vestibular em outra. Às vezes, era quase no mesmo horário. Não tinha unificação. E era muito difícil. E, no primeiro dia dessa prova, houve um problema na impressora, na máquina que fazia a prova na hora. E nos trancaram em uma sala escura, quente. Imagina, no verão esperar 4 horas consertarem a máquina. Era uma... não era impressora. Era uma máquina de... não me lembro. P/2 – Mimeógrafo. R – Mimeógrafo. Era um que quebrou. Então, foram consertá-lo, isso mesmo, e depois fizeram a prova. Então, a dissertação foi assim: “As emoções que antecedem ao exame vestibular.” Depois de 4 horas suando em bicas, numa sala escura que era a sala de Anatomia. Era uma sala toda de pano preto. Bom, enfim, fizemos a prova e fui para Teresópolis encontrar com a minha família. Aí achei que fui mais ou menos, que foi muito difícil. A prova foi difícilíssima a tal ponto de ter 150 vagas e só completaram 110. Depois teve que ter um segundo vestibular. Bom, aí saiu a lista e o meu número de inscrição saiu apagado, trocado. Aí cheguei para o meu pai e disse: “Ó, não passei. Nessa lista aqui não consta o meu número. Então, vou ter que estudar de novo, fazer cursinho.” “Não, tudo bem” Meu pai dando a maior força, a minha mãe também. “Tá, tudo bem”. No dia seguinte, saiu a lista com os nomes e o meu apareceu. Então, foi assim muito, muito interessante. E aí teve que fazer um segundo para completar as 40 vagas. P/1 – Doutor David, como é que era essa vida acadêmica na Faculdade de Medicina? R – Ah, é... foi... o início, na época, na minha geração, foi uma coisa muito interessante. Primeiro, a gente raspa o cabelo, né? Eles raspam o cabelo. Os calouros apanham dos veteranos. Principalmente dos veteranos do segundo ano. Porque também foram calouros. Então, aquele negócio de raspar cabelo, carregar cadáver, fazer arame. Arame é um fio de arame assim de uns 50 metros de comprimento que passa pelo cinto. Então, entra um calouro, passa pelo arame e vai fazendo aquela fila de calouros, né? Isso no terceiro andar da faculdade. Depois amarram latinhas já utilizadas com um furozinho com barbante e quando anda faz aquele barulho como se fosse portador daquela famosa doença da Idade Média. Então, quando os 50 começaram a descer [riso] a escada ali, na Urca, em direção àquela praça que tem em frente e ali terminava com um banho. O pessoal tinha que entrar dentro do... Então, parecia realmente que nós, aquele barulho... Cinquenta fazendo aquele barulhinho de lata, descendo a escada quase... não em caracol, mas semicircular. Com aquele arame e isso aí é o início da faculdade. Até chegar o dia 13 de maio, que é o dia da Libertação dos Escravos, o dia da libertação dos calouros. Mas, nesse intervalo, o cabelo começa a crescer e tive a sorte de encontrar um cara que disse assim: “Calouro burro! Senta aí.” Aí sentei. Ele pegou, colocou um pano aqui nas minhas costas e com uma tesourinha pequenininha escreveu WC na minha cabeça. E andei com aquilo, ó. Não estou nem aí. E a gente andava de bonde. Para cima, para baixo com aquilo na careca mesmo. Careca, o cabelo crescendo. Agora, virou moda ficar careca de novo. Mas enfim, depois do dia 13 de maio, termina com um grande baile. O baile dos calouros no Hotel Glória. O Hotel Glória, naquela época, era o grande must. A Associação dos Empregados do Comércio e o Hotel Glória. E daí a faculdade foi uma coisa muito interessante. Isso foi no ano de 1956. Quer dizer, já completei quarenta e dois anos de formado. E é uma faculdade com altos e baixos. Não é uma linha reta de ensino. Tem cadeiras melhores, cadeiras piores, professores melhores. Tinha um professor que obrigava a gente a usar gravata e paletó ou jaleco. Então, como a aula dele era assim de grupos de 10 em 10, a mesma gravata ia passando de 10 em 10 para poder entrar. Coisa de geração antiga. Aqueles professores catedráticos. Aquela coisa antiga que não há renovação. E quando apareceu a renovação tive a felicidade de trabalhar, estudar, perdão, com o professor José de Paula Lopes Pontes. Esse tinha vindo dos Estados Unidos. Era o catedrático da cadeira de Clínica Médica. Trouxe toda aquela coisa do ensino moderno e dirigido. Os assistentes em cima dos pacientes e os alunos do lado. Uma coisa maravilhosa, um ensinamento muito positivo. Do terceiro, quarto ano em diante. P/1 – Doutor David, qual é sua especialização? R – Especializei em Cirurgia Geral e, logo depois, em Coloproctologia. Quer dizer, vale dizer que é, digamos assim, um complemento. E posteriormente, mesmo mais velho, fiz uma terceira especialização que é a Cirurgia de Vídeo-laparoscopia. É uma etapa mais moderna e não tinha na época. P/1 – Mas foi mesmo na Faculdade de Medicina que decidiu-se pela primeira especialização? R – Não, não. Estava... primeiro queria ser pediatra porque sempre gostei muito de criança. Depois, tomei consciência que pediatra tem que atender a criança, mas tem que ter paciência de aguentar a mãe neurótica. Aí comecei a reconsiderar. Achei que ia ser ortopedista. E nos anos... 1958, quando o Brasil jogou a Copa do Mundo na Suécia, a gente ficou ouvindo o jogo do Brasil dentro da sala do professor de Anatomia. E enquanto aguardava o início do jogo, fiquei vendo os livros dele. Peguei um livro de Ortopedia e abri assim, era amputação de perna, de braço. Digo: “Não, não é isso que quero não.” Aí já desisti da Ortopedia. E, no terceiro ano, decidi pela Cirurgia porque tinha um colega... Na faculdade, a gente é assim: tem os colegas de modo geral e tem os mais íntimos. E fiquei íntimo de um que morava no quarteirão da minha casa. E íamos juntos. Ficamos amigos íntimos. E o pai dele era cirurgião. Aí o pai dele, um dia, convidou para assistir cirurgia e gostei. E fui assistir ele operar. Era uma cirurgia de 8 horas de duração. Aí decidi que ia fazer Cirurgia. Um dia, no quarto ano, um assistente desses do pai dele convidou: “Ah, vem cá me ajudar em uma cirurgia.” Não tinha entrado ainda no campo. E convidou também o filho do cirurgião. E os dois passaram mal na hora da cirurgia [riso]. O cirurgião ficou sem assistente. E assim: “Vocês tem que respirar fundo. Não pode...” Era uma cirurgia de porte pequeno, mas precisava de ajuda. Aí respiramos fundo e nunca mais parei de respirar fundo [riso]. P/1 – [Riso] Doutor David, fez a faculdade na época que era o presidente Juscelino. R – Isso. P/1 – Era uma época de movimentação política e cultural. R – Muito, muito interessante. Eu, inclusive, fui Presidente da Comissão de Trote do ano seguinte. E, nessa época, politizei a nossa festa da seguinte forma: o Diário de Notícias estava em campanha contra o Assis Chateaubriand na época do Petróleo é Nosso. Então, ele dizia: “Ah, vocês vão fazer um desfile, concorrer com a Engenharia. Quem fizer o melhor desfile vai ganhar um 100” (na época, era 100 cruzeiros, um pouco mais, alguma coisa assim), mas era um dinheiro interessante para o Diretório Acadêmico. Aí organizei uma festa que ficou na memória da

faculdade. Porque, na época, as embaixadas brasileiras se localizavam.. Ainda não tinha sido mudada a capital. Foi em 1960, né? Aí bolei o seguinte... fomos procurar umas cinquenta, oitenta embaixadas e pedir trajes típicos de cada. E organizamos uma caravana de trajes típicos pela Avenida Beira-Mar, invadimos a cidade de cada lado. Na frente, segui no Batalhão de Fuzileiros Navais, um fuzileiro que tocava gaita escocesa com a roupa escocesa. Então, abriu o desfile. E as pessoas, os calouros, cada um ganhou uma roupa muito bem feita de cada país. E, no final, vinha um carro dos Democráticos que sobrou do Carnaval. Naquela época, tinham aqueles carros alegóricos. Então, tinha uma torre... pus uma torre de petróleo e atrás assim: "O Petróleo é Nosso. Viva a Petrobrás. Abaixo o Chateaubriand." Aí o Diário de Notícias nos deu o prêmio. Ganhamos. Invadimos a cidade no dia 13 de maio. Interrompemos o trânsito. Porque aquilo começava na Beira-Mar, invadia a Rua México, ia até ali na Rua Nilo Peçanha, e depois terminava nas escadarias do Theatro Municipal. E ali acabava. E no dia, no sábado seguinte a esse 13 de maio, tinha uma... acontecia um baile. E organizei o baile. Não sabia que tinha que pagar direitos autorais. Uma confusão danada. Mas acabou saindo o baile. Porque não tinha verba, né? E tinha uma coisa também interessante que a gente politizava a Semana do Calouro. Na minha Semana do Calouro quem foi, foi o Carlos Lacerda. Então, foi uma bralhada. A faculdade tinha mais elementos de esquerda do que de direita. E aí o Lacerda comeu o pão que o diabo amassou. E, na minha época, queria trazer um político que estava despontando no Brasil que chamava-se Jânio Quadros. Era governador de São Paulo. Não tinha verba no Diretório para a gente ir a São Paulo comprar a idéia de chegar para ele e convencê-lo. Aí fui no Magnífico Reitor, Pedro Calmon. Aquele que tinha umas bochechinhas, e disse: "Magnífico, queria uma verba para ir a São Paulo convidar o Jânio Quadros." Ele disse: "Não, não tem verba." Eu disse: "Então, tá bem, está resolvido o problema: vou chamar o Luiz Carlos Prestes." Aí ele teve uma crise apoplética. Começou a tremer as bochechas, pensei que ia morrer [risos]. Aí ele disse: "Vou ter que arrumar essa verba. Porque não vou deixar entrar o Luiz Carlos Prestes." Foi uma chantagem que fizemos. E então, arrumou o dinheiro e foram dois, três alunos até São Paulo. Não conseguimos trazer o Jânio. Questões operacionais. Então, acabou indo o Afonso Arinos de Melo Franco. Hoje reconheço que é uma pessoa... mas, na época, não foi aquele sucesso do Carlos Lacerda. Isso a gente tem que tirar. Dar a mão à palmatória. Mas aí, a faculdade todo ano tinha isso. Até me formar tinha sempre essa festa. Quando veio 1964, acabou tudo isso. Mas já era médico formado, não participei do triste evento de destruir a minha faculdade. P/1 – Doutor David, teve algum professor que, particularmente, tenha marcado sua trajetória acadêmica? R – Tem. O professor Lopes Pontes. P/1 – Que era de que área? R – Era professor de Clínica Médica, novo na cadeira. Tinha dois ou três anos na cadeira. Estava cercado de médicos jovens, assistentes dele que davam aula de Clínica Médica. Clínica Médica é o bê-á-bá da Medicina, né? Achava que para ser cirurgião tinha que conhecer bem Clínica Médica. E frequentava todo dia. A aula dele era muito boa. A gente fez muita amizade com ele, o grupo. Éramos... porque a Clínica Médica... eram cinco cadeiras de Clínica Médica. Então, tinha o grupo da Santa Casa (na Santa Casa, tinham três cadeiras). Tinha o grupo do Moncorvo Filho, que era outro professor. Porque tinham as enfermarias de Clínica Médica. E assim era. No São Francisco de Assis, na Avenida Presidente Vargas, que está destruída, até hoje não consegue reavivar, mas está no caminho. Vão conseguir fazer isso. Porque é um hospital antigo e foi tombado. P/1 – Doutor David, começou a trabalhar imediatamente após a formatura? R – Não, no sexto ano já trabalhava. Como era amigo desse cirurgião, meu vizinho, Doutor Jorge Marsillac (o filho dele era o Jaime), ofereceu pra gente dar plantão no Hospital do Câncer. No Inca [Instituto Nacional do Câncer]. E o meu primeiro dia de plantão foi muito hilário. Porque entrei, mudei de roupa. Quando entro no quarto dos médicos tinha um sem perna coçando o coto e a perna dele pendurada. Ele tinha uma perna mecânica. E não sabia [riso]. Então, esse foi meu primeiro dia de plantão: conhecer um colega que depois virou meu amigo, né? Doutor Agostinho do Passo. E ele nos recebeu. E nos tratava bem porque o meu colega era filho do cirurgião que era chefe de serviço no Inca. Então, isso facilitava. Comecei a dar plantão no quinto ano. E, ao mesmo tempo, fui estagiar no Miguel Couto, Hospital Miguel Couto, onde fiz estágio no quinto ano para... no sexto, fiz concurso para acadêmico. P/1 – Fala um pouco sobre isso. R – Do Miguel Couto? P/1 – Não, sobre fazer concurso para acadêmico. R – É, isso era uma rotina na vida dos médicos, dos estudantes. Porque era uma maneira de ao chegar no sexto ano, praticar a Medicina na Emergência e também ganhar uns troquinhos. Era um dinheiro que já começava a dar o retorno da profissão. Só que como a minha turma sempre foi a turma escolhida para ser modelo, né? Modelo não, para ser, digamos assim, cobaia. Nesse primeiro ano nosso [estou um pouco resfriado]... vou ter que... estou ficando com a voz muito fanhosa, desculpe. [assoa o nariz]. Então, esse ano, é uma oportunidade de ganhar um troquinho. Só que foi aquela mudança de Governo e resolveram não fazer o concurso adequadamente. Não tinha verba. A verba tinha que vir do Tribunal de Contas. Então, a gente só recebia de quatro em quatro meses e tinha que fazer muita pressão. Tinha arrumado um espaço para o Cafê Filho ser membro do Tribunal de Contas, Dulce Magalhães. (?) Tive que frequentar o gabinete dessas pessoas, foi uma coisa assim muito desagradável. Quase que mendigando um direito que era nosso. Mas teve um... falou sobre o Juscelino, acho importante dar esse relato sobre o Juscelino porque tive dois relacionamentos assim não pessoais, mas muito próximos dele. Um, foi em 1960, porque fui convidado por esse cirurgião para passear com eles e assistir a inauguração de Brasília, 1960. Então, fui conhecer, ver a inauguração. Vi um fato histórico e, ao mesmo tempo, gozei da liberdade desse fato. Peguei um chapéu de palha e coloquei assim escrito: Imprensa. E fiquei assim, como estou olhando para você, vi Juscelino de fraque inaugurando, fazendo aquele belo discurso no parlatório lá de Brasília. Todo o Ministério de fraque. Calor desgraçado, eles de preto, fraque. O Ministério de um lado e eu fotografando. Tenho aquilo tudo em fotografia de preto e branco. E assistindo e olhando. Imagina hoje, com o negócio de segurança, ninguém chega perto. Mas assim, bem perto. E depois, em 1961, ele foi fazer a inauguração da... vê a importância da Faculdade Nacional de Medicina... o Presidente da República vinha inaugurar, quer dizer, a Universidade do Brasil. Vinha fazer a Aula Inaugural da Universidade do Brasil. Fui assistir e fiquei na segunda fila. Naquela semana, houve uma greve de bondes, dos estudantes com os bondes por causa do aumento da tarifa. E houve quebra-quebra, briga. O Dops [Departamento de Ordem Política e Social], na época, era dirigido por um coronel, não me lembro agora o nome dele. Mas não importa. Sei que mandou baixar a borracha nos alunos. Os alunos estavam com esparadrapo, machucados. E aí assistí uma cena de civilidade do Juscelino. A Aula Inaugural, a Sala Magna é um "U". Você tem no meio as autoridades, do lado direito, o corpo discente e do esquerdo, o docente. O corpo docente, na época, eram os diretores de cada Faculdade da Universidade do Brasil. E do lado do corpo discente eram os presidentes dos diretórios: Direito, Economia, Medicina, etc. Todos de preto, beca, né? Quando o Juscelino adentrou ao recinto, os alunos se levantaram. Todos se levantaram em respeito ao Presidente da República. Os alunos deram as costas para ele e foram saindo. Fizeram três filas. Foram saindo e deixaram aquele espaço todo em branco como uma repulsa... Danilo Nunes o nome do coronel, lembrei... como repulsa ao que o Danilo Nunes, que baixou a borracha. E tinham esparadrapo, alguns machucados mesmo. E aí o Juscelino olhou aquilo e disse... não, não falou nada. Disse: "Está iniciada a sessão." Aí todo mundo sentou e começou a sessão. Como se nada tivesse acontecido. Mas ele era um democrata. Provavelmente, não compartilhou disso, mas deu a Aula Inaugural e achei assim uma coisa, marcou muito. Foi uma época de liberdade. Você vê, a ponto de acontecer isso e, realmente, foi muito positivo. Mas me perguntou... Aí continuei trabalhando no Miguel Couto, 1962. P/1 – Fala um pouco sobre o Miguel Couto. R – O Miguel Couto, na época, éramos vizinhos da Praia do Pinto, que é um pouquinho para lá. Tínhamos o Morro da Catacumba. E tínhamos também que atender o pessoal da Rocinha. Então, vê que tinha trabalho de

todos os tipos. E, realmente, a gente aprendia muito porque o acadêmico é uma mão-de-obra muito utilizada em hospital de emergência. E é uma reciprocidade. O hospital utiliza a mão-de-obra e ele aprende. É lá que a gente aprende muita coisa. Principalmente, quem vai ser cirurgião. Clínico também aprende muito. A grande dificuldade é que a pobreza do hospital sempre foi grande. Há surtos de melhoria e de piora, de retaguarda. O hospital tem pouca retaguarda. Mas aprendi bastante lá, pratiquei bastante cirurgia. E tinha alguns fatos engraçados, tipo: sair de ambulância. Quem saía era o acadêmico. Saía para fazer parto. Para trazer a parturiente e atender na favela e tal. E, às vezes, éramos vítimas de maus tratos na favela. Principalmente, na Rocinha. Tinha um trecho lá que quando era saída para lá, o pessoal, a gente ia de madrugada atender, mas atendia com medo. Porque já era preocupante. Não como hoje. Mas já era preocupante. E é uma pobreza muito grande. Uma miséria muito grande. Misturado com pobreza. E me lembro de um fato que... a ambulância demorou a chegar. E o cidadão lá disse: “Ó, se minha mãe morrer, ninguém sai vivo dessa ambulância.” Aí eu disse: “Não, não, sua mãe está viva. Põe na ambulância. Vamos levar correndo. Ajuda aqui e tal.” E ele foi junto. Quando chegou lá, saí por uma porta, chamei a polícia e disse assim: “Prende esse cara que me ameaçou de morte.” E a mãe dele estava morta mesmo. Tive que levar um morto para o hospital. Normalmente, não se leva. Porque quando a ambulância vai atender um morto, tem que deixar lá e mandar chamar o Instituto Médico Legal. Mas aí tive que fazer isso e relatar no livro, etc, etc. Para ver a pressão que era. Mas era um hospital muito interessante. E assisti algumas cenas muito hilárias lá. Duas que vou contar porque são hilárias. Uma, era um filho de um professor da Faculdade de Medicina que não vou dizer o nome, mas era catedrático. O filho dele resolveu roubar o carro do vizinho para fazer farra. E caiu no canal ali da Avenida Visconde de Albuquerque. E como era muito protegido, veio o diretor do Trânsito, foi até o hospital, 1 hora da manhã, o responsável pela Ortopedia do hospital para proteger o garoto. (?) E o garoto sofreu um cortezinho assim. E aí fui eu que atendi. Aí digo: “Vou punir esse garoto.” Mandei raspar a cabeça dele todinha. Só deixei aqui um pouquinho de cabelo. Hoje é um economista famoso. Aí deixei crescer o cabelo, só aqui. Aqui não. Raspou e ficou igualzinho ao Ítalo Rossi. P/1 – [Riso] R – E aí, na careca dele, dei os pontos. Dei com anestesia, tratei humanamente. Mas uma pequena punição. O garoto bonito, careca, bem raspadinho. E, uma outra, foi que descobrimos que tinha um sistema lá o seguinte: entrou gente com dinheiro, tinha que chamar porque o Miguel Couto é o primeiro atendimento. Como é até hoje. Não tinha plano de saúde na época. Entrou um cara com dinheiro, tinha que chamar um professor de Ortopedia que era chefe de serviço lá. Aí entrou um cara muito pobre que tinha que amputar a perna e o professor estava em casa. Estudando para defender tese de Ortopedia com todos os assistentes. Então, não tinha ortopedista nesse dia. Peguei o telefone, liguei para a casa dele e disse: “Ó, professor, aqui é o telefonista do Miguel Couto, entrou aqui um cara muito rico e está precisando de Ortopedia.” Em 5 minutos, chegaram cinco ortopedistas. Quando chegaram lá, encontraram um pobre coitado e alguém. (?) Aí fiquei do lado, dizia assim: “Professor, quem é que vai fazer a amputação da perna?” Aí fui ajudar na operação. Precisava de alguém que soubesse fazer isso e fui lá para ajudar. E aí ele ficou muito sem graça porque não era caso de remover para um hospital particular e ganhar o troco dele, porque vivia disso. Então, isso, no Miguel Couto, essas facetas, e, realmente, foi uma época muito boa de aprendizado. E que, no dia da formatura, tem que largar e perder aquilo. Depois, não voltei mais como profissional. Muita gente volta para trabalhar, mas eu não. Fui trabalhar em outra área. P/1 – Doutor David, agora queria que falasse das principais atividades profissionais, mas antes de ter entrado na Unimed-Rio. R – Hum, hum. Fui trabalhar no Inca como cirurgião de aparelho digestivo. Entrei lá, continuei praticamente. Porque comecei como plantonista. É, não tinha residência naquela época, né? Só tinha um hospital no Rio de Janeiro que tinha residência, o Servidores do Estado que trouxeram o padrão de residência dos Estados Unidos e implantaram. Porque o nome diz: residência, residir no hospital. Então, os médicos iam para os Servidores do Estado e residiam lá. Não residíamos no Inca, mas é como se fôssemos residentes. Então, praticamente, íamos em casa dormir, mas ficávamos o dia inteiro lá, trabalhando. Trabalhei no Serviço de Cirurgia Abdominal de 1962 até 1964. Não, era Sessão de Abdômen, exato. Depois, veio a Revolução e fez um estrago no hospital muito grande. O meu chefe, que me ensinou a operar aparelho digestivo, era muito inteligente e culto. Chamava-se Doutor Luís Carlos de Oliveira Júnior e só falava seis línguas fluentemente. A sexta língua aprendeu porque teve um... aconteceu um congresso em 1962, no ano da minha formatura. Um congresso em Moscou, Internacional de Oncologia. Em 6 meses, aprendeu a falar russo para poder, no Congresso, não precisar de tradutor. E conseguiu. Chegou lá, representou a Delegação Brasileira, pediu a palavra, fez discurso em russo. Provocou a ira dos cubanos que não sabiam falar mas já eram satélites da Rússia, naquela época. E quando chegou 1964, perdeu a chefia do serviço e foi quase cassado. Só não foi porque houve influências de outros médicos que pediram para transformar a cassação em aposentadoria. Aposentou e saiu do hospital. Aí houve unificação de serviços e o serviço foi ampliado. Continuei trabalhando lá até dia 29 de julho de 1970. Como o diretor não gostava muito da minha posição política e, também, porque havia um grupo de médicos que não tinham carteira assinada, ganhávamos na verba da vassoura. Tiravam dinheiro do sabão, economizavam para pagar os médicos. Então, resolveram demitir da noite para o dia. Trabalhei lá de 1958 até 1970, e, nesse dia, nos demitiram. Dezoito médicos. Tenho certeza que fui punido por ser amigo do que aposentou. E porque o diretor não gostava mesmo da minha pessoa. Não como funcionário, porque cumpria tudo, religiosamente. Mas porque... por causa de questões políticas. E dentro desse... dessa época que trabalhava, tive uma atividade científica importante. Reunia, participava do Centro de Estudos. Fazia reuniões aos sábados de manhã com médicos de notório saber que levava ao hospital para discutir casos. Principalmente, meu guru maior que se chamava Fernando Paulino, um grande cirurgião que existia no Rio de Janeiro. Ia aos sábados lá reunir com a gente e discutir casos cirúrgicos. Uma coisa assim espetacular. E, de repente, puxaram o meu tapete. Fui demitido. Saí de lá e não tinha onde trabalhar. Trabalhar, que digo, a parte lúdica da profissão. Aí fui para a Santa Casa. Mas cheguei a quase mudar de profissão. Cheguei atrasado, meia hora, num emprego que li no jornal: “Você chegou atrasado.” Meia hora. P/1 – Mas que emprego? R – Ia trabalhar na Bolsa de Valores. Ia largar a Medicina para me tornar membro da Bolsa de Valores e o destino não quis isso. Aí ele disse: “Olha, não tem vaga. Já está preenchido e tal.” Então, fui trabalhar gratuitamente na Santa Casa para poder ter a minha atividade como cirurgião. Trabalhei 2 anos lá. Na Enfermaria 30-31. Lá conheci o famoso cirurgião plástico que hoje está preso, né? Foi meu residente: Osmany Ramos. Até me levou um livro e não me devolveu até hoje. Em 1970 [risos]. Isso está grafado. Mas trabalhei lá e depois em ambulatórios. O emprego mesmo, a gente tinha, mas o lugar para praticar a Medicina estava difícil. Depois fiz concurso para o Hospital Paulino Werneck, lá na Ilha do Governador. Mas só aguntei trabalhar nove anos. Porque a falta de equipamento material era assim uma coisa... Fiz concurso, passei e não consegui. Depois de nove anos joguei a toalha. Porque, quando trabalha nesses lugares, como pessoa física, fica envolvido com o caso. Pode ser processado a qualquer momento por erro médico. Mas não é erro, é falta de material. Então, ou compactua ou cai fora. E resolvi. Um dia, fui selecionado para trabalhar no Natal e Ano Novo que coincidiu com o meu plantão. Aí olhei para o espelho e disse assim: “Eu vou dar um presente para a pessoa que mais gosto no mundo, que sou eu.” Pedi demissão. Uma semana antes, pedi demissão e caí fora. Foi muito bom para mim. Porque, primeiro, parar de trabalhar em um lugar que não tem condições. E segundo, passar a noite acordado, pelo menos, deixou trauma, mas depois fui administrando isso e realmente não fez falta. Quando já comecei a participar de atividades políticas corporativistas. E daí então, é que entrei para o viés da Unimed. P/1 – Mas Doutor David, quando é que ouviu falar pela primeira vez na Unimed? R – Bom, em 1980, comecei a participar de atividade política corporativa, defendendo a idéia de que os planos de saúde estavam explorando os

médicos. E era um dos explorados. Desde o tempo de logo (?) depois que me formei, montei consultório. Aprendi uma frase, na época, de um médico, que já morreu, que dizia assim: “Olha, médico tem que ter consultório igual smoking (porque eu fui da geração do smoking). Você tem que ter um smoking em casa, porque, de repente, pinta uma festa de formatura, uma festa importante, está já com o smoking. Então, tem que ter consultório.” Sempre tive consultório. Desde que me formei. Tinha consultório sublocado. Alugava duas horas, três vezes por semana. Depois passou um tempo, aluguei um horário maior. Até ter o meu aluguel, o meu alugado. Então, investi no meu alugado. E fui crescendo, crescendo. Tive um insight de que o centro da cidade é o lugar para se trabalhar o consultório. Muita gente começou a vir para Botafogo. A Clínica Miriam Amorim foi o primeiro lugar que tiraram da cidade e levaram para Botafogo. Daí começou essa inserção de consultórios na Zona Sul. Mas sempre achei que o lugar do consultório deve ser onde o pessoal trabalha, não onde mora. E isso realmente foi um sucesso. Porque foi crescendo, aos pouquinhos, minha clínica. Mas, ao mesmo tempo, era vítima da exploração desses planos de saúde. Menos da Unimed. Porque aí, quando entrei para a Unimed, tive consciência de que sou dono da Unimed. Eu sou... P/1 – Como é que é isso? R – É porque entrando para uma cooperativa, tem... você é dono. Tem voto, cotas iguais e, na época, que entrei para a Unimed, éramos 3200 médicos. Os 3200 eram donos. Quando tem uma Assembléia de Médicos, o voto é igual. É igual ao voto de condomínio. Somos os donos. Comecei a me interessar muito pela Unimed e achei que tinha uma coisa diferente dos outros planos de saúde. A grande maioria explora o médico e o dinheiro fica para o dono. A cooperativa não, fica para a coletividade. É um pensamento socializado. E achei que adaptei muito bem à essa filosofia. E defendi-a assim com todos os... com toda força nas assembleias. Porque houve época que começamos a fazer greve contra os planos de saúde. Principalmente, a Golden Cross, na época e... a Golden Cross era a grande vítima nossa. Quer dizer, eram os nossos exploradores. Só para ter uma idéia da diferença da cooperativa para um plano de saúde. O plano de saúde... vou contar a história da Golden para fazer o contraponto com a Unimed. A Golden Cross foi fundada por um cidadão que era “171”. Então, montava empresas no ano de 1960, 1961 para explodir. Montava, crescia e deixava explodir. Quando fez isso em 1964, descobriu o caminho. Fez o seguinte: trouxe um almirante médico, um general médico e um brigadeiro médico e os colocou como dirigentes. E aí começou a crescer o bolo. Ficou multimilionário às custas do nosso trabalho. Vendia os planos, nós trabalhávamos e ele pagava pouquinho. O dinheiro que sobrava era dele, da família dele. Construiu um império. Começou a ter hospitais próprios. Um dos hospitais próprios que foi do grupo, comprou a antiga Maternidade Arnaldo de Moraes e fez o Hospital São Lucas, em Copacabana; eram do grupo da Golden Cross. Aí fez hospitais em Santa Cruz, no subúrbio. Tinha hospitais. Aí, de repente, começou a crescer fora do Rio, para Brasília. Conseguir fazer hospital onde o Plano Piloto não permitia porque tinha influência dos três milicos. Ganhavam apartamento alugado na Avenida Vieira Souto, cartão de crédito e um salário bem remunerado. Então, com isso cresceu a empresa dele. E nós sempre batendo de frente com ele. A cooperativa não. Éramos donos. A cooperativa tem problema? Todo mundo entra e se cotiza para ajudar. Temos cotas iguais, então, não é tirar dinheiro do bolso e dizer assim: “Olha você tem para receber, um exemplo prático, 300 cruzeiros ou 300 reais do seu trabalho. Então, deixa a metade para ajudar a cooperativa.” Então, isso pode acontecer desde que, democraticamente, reúna uma Assembléia de Médicos e discuta. É igual taxa de condomínio. É uma coisa democrática, socializada, e que, realmente, me deixou assim, muito envolvido. Até que entrei para o Conselho Fiscal. P/1 – Mas Doutor David, estava falando, contando isso em relação aos anos 1980. R – 1980, é. P/1 – Pois é. Como é que era a repercussão da existência de uma cooperativa de médicos junto aos órgãos ou às instâncias corporativas? R – Olha, viam como concorrente, né? Essas empresas viam como concorrente. Só que a Unimed vendia plano de saúde, mas ainda estava engatinhando. Tinha um patamar. Tinha dificuldade de crescer de uma forma assim super moderna, na época. Tinha dificuldade. E isso é um problema da política de administração da Unimed. Então, o crescimento dela era muito lento. Enquanto, as outras empresas cresciam em progressão geométrica, a Unimed sempre crescia em progressão aritmética. E começaram a criar novas empresas. Então, esse nicho de mercado ficou muito atrativo para seguradoras. E aí entra Bradesco, Sul América. O Itaú chegou a entrar nisso, depois se retirou. E a Golden Cross era assim a rainha dos planos de saúde. Chegaram a ter 1 milhão e 200 mil clientes. Hoje, devem estar com uns 200 mil, ou 180 mil. Uma coisa assim. E esse império foi crescendo e nós sempre combatendo. Tínhamos que melhorar a cooperativa. Isso é uma coisa lenta. Não se consegue da noite para o dia. Então, o Conselho Fiscal... porque é uma questão de lei. A cooperativa é isso. Mais adiante, as datas certas não tenho na minha cabeça, a data da lei, sei que é de 1956, que rege uma cooperativa. Uma cooperativa é igual à Cooperativa de Crédito, de Assistência Médica, de Atividade Agrícola. Tem que ter vinte pessoas. Você junta e funda uma. P/1 – Doutor David, conheceu o Doutor Djalma Chastinet? R – Conheci. Privei pouco da companhia dele, mas conheci. Quando entrei para a cooperativa, ele já estava em um patamar de mais idade. Em atividades extra-Rio de Janeiro. Fundou, junto com o Doutor Arnaldo Bomfim, a cooperativa que começou em uma salinha na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Nessa época, ainda não era da cooperativa. Entrei mais tarde. Depois ele foi, alçou outros lugares na Federação das Unimed. Foi para a Unimed do Brasil. Foi tendo um upgrade de posição política, até pelo notório saber dele em relação... era um grande neurocirurgião que largou a Neurocirurgia. Era neurocirurgião do Hospital Geral de Bonsucesso. Largou a especialidade para poder se dedicar à Cooperativa. Acho que, realmente, é uma pessoa importante. Ele e o Doutor Bomfim foram pessoas importantes porque começaram em uma sala e chegar hoje à empresa que é? Lógico que tem uma história atrás disso, né? Teve uma evolução, modernidade. Uma série de coisas que foram colocadas até pelo meu grupo político. Fizemos um grupo político dentro dessas ações. E esse grupo, quando tem atuação fora dos planos de saúde, chama-se Causa Médica. Criamos um grupo político para atuar, não só na área corporativa, sindicato, Conselho Regional de Medicina, Conselho Federal de Medicina, como também tem um braço da Causa Médica. Sendo cooperado também podemos ter atuação política dentro da cooperativa. E isso começou a florescer. Por exemplo, representava a Causa Médica no Conselho Fiscal. Tinha um outro, outros grupos, outros membros da Causa Médica que participavam do Conselho de Administração e Conselho Técnico. Tivemos essa atuação política importante e fomos, aos poucos, permeando e conquistando espaço. Política se trabalha assim. Não consegue nada da noite para o dia. Isso é um projeto que não pode planejar: “Não, vamos fazer isso. Vamos daqui a dez anos, daqui a quinze anos vamos tomar o poder pelas eleições.” Não existe, vai passo a passo. E iguais a mim, outros colegas faziam a mesma coisa. Alguns do Conselho Fiscal foram se oferecendo a ser candidatos para o Conselho de Administração. Aí saí do Conselho Fiscal e, em 1994, entrei para o de Administração. Fiquei quatro anos. E é importante essa escada. Porque passa a ter uma... a começar a entender mais aprofundadamente, o que é a cooperativa. P/1 – Doutor David, mas quando entrou na Unimed-Rio achou que a estrutura organizacional era assim, muito hierarquizada? Antiga? Ou achou que era necessária alguma mudança? R – Não, comecei a sentir uma certa burocracia, isso senti. E todos planos fazem burocracia. Criam burocracia. Por quê? Quanto mais papel, mais difícil fica para o médico enfrentar isso. E é uma dificuldade. Imagina: tenho 24 planos de saúde no meu consultório. Cada plano tinha uma burocracia. Nunca se conseguiu unificar, que era uma das metas da Causa Médica, unificar isso. Depois vieram as Estatais. As Estatais, então, cada uma criava a sua burocracia. Por quê? Porque quanto mais burocracia, mais empregos tinham dentro das Estatais e mais emprego tinham dentro das empresas de Medicina de Grupo. Que a gente chama a Golden de Medicina de Grupo. E o que acontece? O médico começa a se bater. Se não juntar forças, fica sozinho nessa briga. Então, com essa junção de forças... A Sociedade de Medicina e Cirurgia foi um

dos lugares onde reunimos para combater esses planos de saúde, principalmente pela baixa remuneração. A coisa foi crescendo, crescendo, até que a Associação Médica Brasileira fez uma tabela. E essa tabela, começaram a aceitar em 1986. Depois, pulou para 1990 e, no ano de 1990, para aceitarem, foi uma briga danada. Tivemos que reunir no Colégio Brasileiro de Cirurgiões porque a Sociedade de Medicina e Cirurgia ficou pequena para a quantidade... tinham mais de quatrocentos médicos. Imagina? Agora não é muito. Porque uma população médica que cuida disso, que trabalha com esse tipo de atividade, acredito que tenha mais de uns cinco mil médicos. Só vão quatrocentos. Então... mas os quatrocentos serviram para uma demonstração de força. Porque éramos quarenta. De repente, virou quatrocentos. Ai os planos começaram a sentar à mesa para negociar. E culminou com a nossa entrada no Conselho Regional de Medicina [Cremerj]. Quando a Causa Médica ganhou o poder pela eleição, no ano de 1992, os planos de saúde começaram a sentir o golpe. Porque fui, junto com o Doutor Armido Mastrogiovanni, que vem amanhã... montamos uma comissão, dentro do Conselho Regional de Medicina, de convênios. E aí, um plano de saúde tem que ter o nome de um médico como diretor Técnico perante o Cremerj. E aí chamávamos o cidadão para sentar, negociar lá. Então, começou a diminuir o atraso de pagamento. Atrasavam o pagamento antes porque o Conselho Regional de Medicina não se importava muito com essa coisa de plano de saúde e credenciados. Teoricamente, quem tinha que fazer isso era o Sindicato dos Médicos, porque é uma atividade laboriosa. Mas o sindicato também faz muita política, muita marola, não defende como deveria defender. Então, “tomamos de assalto”, pelo voto, demos uma surra. Estavam quinze anos no Cremerj e não faziam nada. Entramos e fizemos uma revolução. Com isso, começamos a apertar os planos de saúde. E, nesse momento, a Unimed começou a dar uma crescida. Porque a Unimed nunca precisou, nunca teve nenhum relacionamento antiético com os seus cooperados. Lógico, pode ter uma coisa ou outra, pontual. Mas não que precisasse ir para o Cremerj, nunca aconteceu isso. E aí, começamos a fragilizar os planos de saúde. Melhorando, do ponto de vista de mercado, para a Unimed. Isso foi dando um crescimento dentro da Unimed até que achamos que estava na hora da Causa Médica entrar para a Direção Executiva. P/1 – Então, Doutor David, estava falando do Conselho Regional de Medicina e da questão da Causa Médica. Como é que foi isso? R – Hum, hum. Assumimos a direção do Cremerj e foi uma vitória retumbante. E, com isso, um dos motes da nossa campanha era, exatamente, as Sociedades de Especialidades. Começaram a se juntar e com isso conseguimos exigir que os planos de saúde dessem um tratamento mais ético à relação plano de saúde–médico e saúde–paciente que também era uma ótica que o paciente era abandonado. Ele não tinha nenhuma proteção. E, com a nossa entrada no Conselho Regional de Medicina, abrimos o nosso guarda-chuva e, com isso, começamos a moralizar esse relacionamento dos planos de saúde com os médicos credenciados. E lá, no Cremerj, é uma história, é um capítulo importante que até hoje nos dá frutos porque já fomos reeleitos duas vezes no Conselho. A terceira reeleição pedi para retirar o meu nome porque já estava ficando cansado. É muito trabalho. É uma tarefa hercúlea. Realmente, quer dizer, alguns médicos da Unimed continuam na Direção da Unimed e no Cremerj. Mas é uma tarefa muito, muito intensa. Ter atividades de julgar médicos, independente de plano de saúde. As atividades do Cremerj são: julgar médicos, preparar processos éticos contra médicos que cometem delitos, tipo erro médico, que é a grande quantidade, 90% dos problemas são por erro médico. Então, temos que tomar providências do ponto de vista até constitucional que é fiscalizar a atividade médica na cidade do Rio de Janeiro. P/1 – No Rio de Janeiro, já há mesmo essa cultura, como é assim, tão típica dos Estados Unidos, de processar o médico por um erro cometido? Isso já está difundido? R – Não, não é bem igual. Nos Estados Unidos é uma indústria, é diferente. As companhias de seguro conseguiram sensibilizar o médico e o paciente. Então, é assim: o médico tem que ter despesas com seu seguro, ele se protege. E, ao mesmo tempo, passa a ter uma Medicina, mas é Medicina assistencialista, não oficial. Então... quer dizer, tem um relacionamento com o paciente em que sabe que qualquer tropeço, mesmo não sendo erro médico, porque o erro médico, usam lá nos Estados Unidos, qualquer alteração do relacionamento, põem como erro médico e processam, aí o médico também está se lixando. “Eu tenho o meu seguro.” Só que isso tem custo. E no Rio de Janeiro, no Brasil, está começando a aparecer algumas companhias de seguro que estão tentando vender esse tipo de plano para o médico. E aí vai ter um custo que não está embutido no nosso atendimento. Temos que nos proteger. Acho isso muito ruim. Acho que quem exerce a profissão eticamente, não precisa se preocupar. Lógico que, eventualmente, vai encontrar um paciente que encontre um advogado que processe o médico. E tem que tomar muito cuidado, nesse momento, para não confundir complicação de um tratamento com erro médico. Há uma diferença muito forte. Lógico que isso vai dar trabalho. Mas muitos advogados usam essa, esse viés para poder, digamos, incentivar os pacientes para atuar contra os médicos. Mas, nos Estados Unidos, tem essa cultura de ter um seguro de proteção. Como tem um seguro de proteção de carro. Hoje tem que ter o seguro de proteção de carro porque a quantidade de roubo é muito grande, a batida e tal. Então, é obrigado a ter. Mas isso não tem nada a ver com a atividade profissional. Então, realmente, não vejo por aí. Mas acho que o Cremerj preenche isso mesmo. Se a pessoa foi atendida, por um erro médico, teve um ato antiético e denunciar, o Cremerj toma as providências. Lógico que como lá somos quarenta médicos e são mais de 4 mil processos, tem um caminhar lento. Não é por corporativismo. Volta e meia, houve essa acusação, não é. É excesso de trabalho. Porque o médico tem atividade, emprego, consultório e, de noite, vai frequentar, duas vezes por semana, reuniões do Cremerj. Depois leva para casa os processos. Tem que ler o processo. Depois vai tomar depoimento da vítima, do médico. Olha, isso tem um ritual. Não é feito assim da noite para o dia. É um pouco arrastado e não tem como não ser na administração desse problema. Mas a Causa Médica fez uma modificação da filosofia do Cremerj. Criou uma coisa que não tinha: Câmara Técnica de Especialidades. Vários médicos de notório saber dirigem as Câmaras Técnicas. Hoje, são só 48. Vê a importância de dar assessoria ao Cremerj? Muitos são conselheiros. Mas tem professores de faculdade, médicos importantes, de notório saber que fazem parte dessa Câmara Técnica. P/1 – Doutor David, e a sua trajetória dentro da Unimed? Falou que entrou para o Conselho Fiscal... R – É, fiz um “curso de dirigente”, né? Entrei como membro do Conselho Fiscal, trabalhei... O Conselho Fiscal renova-se todo ano. O conselheiro pode ficar, no máximo, dois anos. Fiquei no primeiro ano, depois saí, voltei no segundo ano, na terceira gestão desse Conselho Fiscal e, posteriormente, fui convidado, em 1994, para entrar no Conselho de Administração. E o Conselho de Administração, durante 4 anos, uma vez por mês, reúne para tomar conhecimento da atividade da Diretoria Executiva e da situação financeira, da situação técnica. Colabora bastante porque, como somos atuantes na retaguarda da Unimed, a gente tem uma contribuição importante. Que é o lado que, às vezes, a própria empresa não consegue. Ela tem uma sombra de atividade. Mas tem detalhes da parte mais, digamos lá em baixo, que o cooperado, como soldado, é que pode colaborar. Fui muito atuante, nesse aspecto, porque, sendo cirurgião, tem uma dinâmica muito forte. A tal ponto que o Presidente da época, Doutor Arnaldo Bomfim, pediu-me, junto com outro membro do Conselho Técnico, que fosse visitar o Hospital da Beneficência Portuguesa, aqui no Rio. A Unimed queria alugar um andar inteirinho, porque não tem hospital próprio. A Unimed não tem hospital próprio. Só terceirizados. Fomos lá colaborar com o Conselho, com a Direção Executiva. E com o nosso aval, ajudamos a Cooperativa. Então, é uma maneira de atuar do Conselho de Administração. Outras idéias da parte operacional, principalmente na parte operacional. (?) E aí surgiu a oportunidade. Dois membros da Causa Médica já estavam na Direção Executiva. Então, resolvemos “tomar o poder” pelo voto. E nos oferecemos. Com quatro médicos da Causa Médica e um fundador. Tinha uma outra chapa que concorria. E dos três mil médicos, compareceram 1750 para votar. Não, compareceram acho que 2100. Tivemos um quociente eleitoral de aceitação de 75% dos votos a nosso favor. Na época, lembro o número

certinho, tinham 230 mil clientes, em 1998, quando entramos, pela primeira vez, no Conselho, na Direção Executiva. Assumi a Direção Financeira, outro colega da Causa Médica a Direção, a Presidência, que é o Doutor Celso Barros. O Doutor Armido era o vice-presidente, assumiu a Vice-Presidência e a Direção Médica. O Doutor Eduardo Bordallo, diretor Comercial e de Marketing. E o Doutor Bomfim, que era o fundador, a Direção Administrativa. P/1 – Doutor David, é diretor financeiro desde 1998? R – Desde 1998. P/1 – E quais são suas atribuições? Quería que falasse um pouco sobre isso. R – É, deixa eu só... a gente está falando em eleição, deixa continuar só uma idéia. Ficamos quatro anos, porque a nossa gestão tem que durar, teoricamente, pela Lei da Formação de Cooperativas, quatro anos. E aí candidataríamos novamente, sem ter oposição. Porque a nossa atuação deve ter sido benéfica para o médico e não houve chapa de oposição. Fomos reeleitos em... de 1998 a 2002 fomos reeleitos. Estamos já em uma segunda gestão, desde 1998. A minha atuação é, veja bem, podia perguntar assim: “Pô, mas como é que você, o senhor é cirurgião, tem consultório e gere as finanças?” Gerimos politicamente as finanças. Como é que é isso? Usamos a política da empresa. Nosso cargo é político. Tenho gestores profissionais. Tenho um mestrado, um funcionário que tem mestrado em Economia. Tem MBA. Dois MBAs de Economia. E tem mais 35 funcionários que fazem parte do grupo financeiro da Unimed. Gerentes, subgerentes e uma equipe de 35 pessoas para gerir uma empresa que hoje está faturando 800 milhões/ano. Não tenho condições técnicas de gerir esse dinheiro. Então, essa administração, propriamente dita, é feita por essa equipe. Como tem em alguns cantos. O nosso trabalho é político. É o relacionamento com os hospitais para pagamento, é administrar o destino do dinheiro, a aplicação. Mas isso tudo com conselhos de Técnicos. Esse foi o grande, a grande mudança que a Unimed sofreu. Quando entramos em 1998 tínhamos 230 mil clientes. Hoje, temos 417 mil clientes. Quer dizer, conseguimos crescer. Por que crescer? Para poder dar trabalho ao dono. O dono é o cooperado. P/1 – Doutor David, o cliente da Unimed-Rio sabe que a Unimed é uma Cooperativa? R – Sabe. Fizemos algumas campanhas publicitárias – e acho que isso, teoricamente, devia-se continuar a fazer, dando a idéia de que, quando vai ao consultório de um cooperado, é atendido pelo dono. Essa é a grande diferença. Essa é que é a filosofia da coisa. É lógico que dos quatro... Hoje, temos 4300 médicos. Abrimos a Cooperativa, o ano passado e, mil médicos entraram comprando cotas. Nós, antigos, pagamos também essas cotas e com esse... com essa união de esforços financeiros pudemos dar uma boa crescida nesse ano passado. Então, o que aconteceu? Houve divulgação, mas acho que carece de fazer mais. Porque, se o sujeito que compra um plano da Unimed souber que está sendo atendido pelo dono, já tem um relacionamento melhor. Mas não são todos que falam isso para os seus clientes. Eu digo. Eu bato com a mão na mesa e digo: “Ó, você sabe que está sendo atendido pelo dono?” “Ué, como que o senhor é dono?” Eu digo: “Não, eu não. Eu e mais 4200 médicos.” Isso é importante. É diferente. Por exemplo, um sujeito entra na Golden Cross, um cliente da Golden Cross sabe que o dono é uma família que, infelizmente, ou felizmente, como toda empresa familiar, 90%, sofre solução de continuidade. A Golden Cross também passou por isso. É uma família, ficaram riquíssimos. Apareceram genros, filhos que não conseguiram seguir a tradição do dono. E aí ela ó... desceu ladeira. Hoje, não pertence mais à família, pertence à uma seguradora estrangeira. Uma coisa assim. Mas voltando, esse relacionamento já começa bem. Se sabe que é atendido pelo dono. Lógico que, ao mesmo tempo, também tem que ouvir as queixas, reclamações. E não tem... sempre tem, sempre haverá a queixa. Não tem como ter esse relacionamento sem ter o senão. Aí sempre tem as reivindicações dos pacientes, dos próprios cooperados que reivindicam também. Mas, de qualquer maneira, acho que filosoficamente é uma coisa muito forte. E isso é uma coisa que tem no Brasil. Se ampliar isso para o país e sabendo que, hoje, tem 99 mil médicos donos das suas cooperativas, que atendem entre nove e onze milhões de pessoas, quer dizer, é uma força de trabalho muito grande. P/1 – Como é esse relacionamento das Unimeds entre si? Da do Rio, dos outros Estados? R – É, as Unimeds, são... cada cidade que tem Unimed, juntam-se num Estado, em uma Federação. A Federação do Estado do Rio tem 19 Unimeds. Cada Estado tem a sua. E as Federações se juntam com a Unimed do Brasil. Então, a Unimed do Brasil, o Conselho de Administração da Unimed do Brasil é formado por dirigentes, presidentes de Federações de Unimeds de cada Estado. P/1 – E fazem encontros periódicos? R – Encontros periódicos. Esse detalhe, com mais aprofundamento, provavelmente, vai entrevistar o presidente da Unimed-Rio, com certeza. P/1 – Não, nessa etapa. Ele está de férias. R – Está de férias, tá. Porque além de ser Presidente da Unimed-Rio, também exerce o cargo de Presidente da Unimed do Brasil. Realmente, o aprofundamento desse detalhe vai se dar com mais... com a presença dele vai ajudar bastante. Ou então, amanhã, o Doutor Armido conhece mais detalhes. Ele é muito detalhista e vai te... pode fazer essa pergunta que vai realmente te dar mais subsídios. Mas, em tese, é isso que estou falando, entendeu? É lógico que isso não é distribuído assim. A Federação do Paraná, existe um pedaço do Paraná. O Rio Grande do Sul tem. A Federação de São Paulo criou uma dissidência com a Unimed do Brasil, foi para uma outra chamada aliança. Isso é uma história da Unimed do Brasil. Criaram uma dissidência. Porque o primeiro Presidente da Unimed do Brasil, ficou 25 anos na Presidência. Então, houve uma dissidência. E fizeram uma aliança, cuja sede é na Paraíba, em João Pessoa. Mas essa aliança se relaciona, do ponto de vista de trabalho, conosco, né? Por exemplo: você tem um plano, eu tenho um plano de saúde. Vou viajar para João Pessoa. Preciso ser atendido lá. Um médico com a minha carteirinha atende lá. Isso vira uma fatura. Eles mandam essa fatura no final do mês para a Unimed-Rio. A Unimed-Rio manda pagar. Isso para uma consulta. Quando é uma cirurgia depende ainda de autorizações para virar fatura. Então, existe esse relacionamento e esse é o grande carro-chefe das Unimeds. Quando tem um plano nacional pode ser atendido onde tem 384 Unimeds. P/1 – Doutor David, e como é que surgiu essa tendência da Unimed-Rio de patrocínio à esportistas e clubes de futebol, jogadores? Como é que foi isso? R – Não, é o seguinte: a Unimed se profissionalizou na sua Direção Executiva. Então, como tenho uma pessoa que importamos de São Paulo para trabalhar conosco, que é o senhor Humberto Modenezi, o superintendente geral. Cuida da parte financeira também. E tem um superintendente financeiro que cuida da parte financeira e administrativa. Temos também um superintendente de marketing, que também trouxemos de São Paulo. Temos uma superintendente de atendimento, que é a Ana Maria Peixoto de Senna. Superintendente de marketing, trabalham no Rio, mas vem de São Paulo, que é o Marcelo Giannubilo. E temos um superintendente médico, Eduardo Assis. E, recentemente, trouxemos da grande empresa concorrente da Unimed, a Amil, o superintendente comercial. “Compramos” o passe dele, veio trabalhar conosco. Com essa equipe logo abaixo da Diretoria, estamos com um time que realmente está sacudindo, do ponto de vista técnico, a Unimed. A tal ponto até de adotar nosso projeto aqui. Porque isso é... Ah, e tem também, esqueci do Virgínio Sanches, que é o assessor de imprensa do presidente. Então, esse conjunto de forças altamente qualificado, muito bem dotado do ponto de vista profissional, fez com que a Unimed adotasse a postura de uma empresa moderna. E empresa moderna que quer vender prestação de serviço, tem que divulgar. E tem que ser muito bem divulgado. E acho que, realmente, a Unimed tem ganho muitos prêmios de marketing e de divulgação. E isso vem ao encontro da sua pergunta: por quê? Porque a gente sabe que através do esporte é uma maneira de divulgar a nossa marca. Que é uma coisa muito forte. Você vai no Maracanã, assistir um jogo, aquilo está recheado de anúncios da Unimed. Anúncios éticos, né? Só o nome. É uma coisa muito bonita, porque não fazemos o anúncio da Unimed-Rio. Se olhar bem é Unimed. E isso serve, porque qualquer lugar do Brasil que mostrar, divulga, lá na fronteira do Brasil com o Uruguai. Serve para divulgar a marca. É uma marca muito forte e achamos que o viés do esporte... mas também temos patrocínios culturais. Patrocinamos peças de teatro, edição de CDs. Nas festas do Dia do Médico trazemos cantores importantes e servem como divulgação da marca também. Formadores de opinião também trazemos para ter o nosso apoio. E,

com relação, ao esporte propriamente dito, é um viés de divulgação importante na classe média que é o nosso público alvo. Então, foi adotado o Fluminense. Embora não seja torcedor do Fluminense, sou torcedor do Flamengo, achei que foi uma coisa simpática. E acho que está dando um retorno de mídia muito interessante. Posteriormente, resolvemos também ajudar o Fluminense patrocinando quatro jogadores. E os jogadores dão retorno. Qualquer festa da Unimed eles vêm, participam “Arroz de festa”. Como “arroz de festa”, mas é importante isso para o grande público.

P/1 – Doutor David, antes de encaminhar para as questões finais, queria saber se o professor Clóvis tem alguma questão específica sobre a Unimed antes de ir para o bloco final? P/2 – Nenhuma questão específica. P/1 – Desculpe, Fernando. P/3 – O senhor falou bastante da faculdadestudos, tal, mas pulou a parte do casamento, filhos... R – [Risos] P/1 – Vou perguntar agora. Vou perguntar agora, Fernando. R – Casamento é complicado. P/1 – Queria perguntar então, agora, já encaminhando as questões finais, tem filhos? Netos? Como é que são? O que fazem? R – Tenho, tenho. Sou casado três vezes. Casamento é uma coisa muito boa. Aí meus clientes dizem assim: “Ah, eu estou casado aqui há quarenta anos!” Aí digo assim: “Eu também sou casado há quarenta, só que com três mulheres.” Casei três vezes. Então, tenho uma filha de 35 anos que é administradora de empresas. Tenho um filho de 21, uma filha de 12 e dois netos da minha primeira filha. São cinco dependentes afetivos importantes. E esse novo casamento é uma coisa muito boa para mim. Tem sido muito importante. P/1 – Doutor David, queria que seus netos seguissem sua carreira? R – Olha, acho que seguir carreira de pai é uma coisa importante, mas é muito preocupante. P/1 – Por quê? R – Porque você tolhe a liberdade de escolha. Acho que a liberdade de escolha facilita. Facilita muito um filho adotar a carreira do pai. Principalmente, uma carreira muito cartesiana. Acho a cirurgia muito cartesiana. Então, se, por exemplo, a minha filha de 12 anos quiser seguir a carreira de História; a mãe dela é historiadora, acho ótimo porque o horizonte é muito amplo. Agora, você induzir quebra uma coisa que é a escolha. Como ninguém impôs a minha escolha, não acho justo impor uma. Eles sabem que é uma carreira muito sacrificante. A gente, às vezes, abandona a família. Vai a Congresso, pode levar a família? Pode. Não pode levar, fica longe. E isso faz falta, não só para nós como para eles também. Então, acho que, na minha concepção, a escolha de carreira tem que dar... se coincidir de ser a mesma tudo bem, acho ótimo. Mas impor, nem sugerir acho que... a minha filha mais velha é administradora de empresas por escolha dela. Depois, adquiriu um padristo que era médico. Então, conheceu os dois lados. Enquanto morava comigo via como é que era a minha vida. Tinha uma época que passava 48 horas sem vê-la. O plantão emendava com o trabalho, chegava em casa de noite, já estava dormindo. Aí no dia seguinte é que ia vê-la. Então, ficava 2 dias sem vê-la durante uma fase importante da vida de uma criança. Isso é muito sacrificante. Realmente acho que essa escolha deve ser individual. Se coincidir, muito bom, porque ajuda. Tenho certeza, se a minha filha mais velha quiser ser... a minha filha mais nova quiser ser historiadora tem só uma bibliotecazinha de três mil livros em casa. Mas ela já está sendo imbuída por esse espírito. Por quê? Lê toda semana um livro. Então, já está em um caminho muito bom. Mas ela que escolhe o destino da profissão. P/1 – Doutor David, como é seu cotidiano hoje? R – O meu cotidiano hoje é o seguinte: tem uma fase da minha vida que não coloquei, quer dizer, não coloquei, não. Posso até fazer referência agora. Foi uma época que quando consegui, depois da minha demissão, faltou isso, consegui rearrumar minha vida indo trabalhar no Hospital de Ipanema onde fui chefe de serviço durante dez anos. E me aposentei. Mas o hospital está tão destruído, tão abandonado pela Prefeitura; isso não é fazer uma crítica ao César Maia, não. Mas, realmente, a prefeitura abandonou. Municipalizaram os hospitais e os abandonaram. Nem vou lá. Nem passo lá. E tem quatro anos que me aposentei e aí disse assim: “E aí, o Hospital de Ipanema?” Eu digo: “É, o Paulinho da Viola me ensinou: ‘Foi um rio que passou na minha vida.’” Então, até você vê que voltei a me lembrar, mas foi uma época boa. Dava aula para residente. Trouxe dois residentes para trabalhar comigo. Até hoje são meus... meu braço direito e esquerdo. E que me permite ter um trabalho enorme. Então, a minha... o meu dia-a-dia é em função da cirurgia que pratico. E da atividade na Unimed e do consultório. Então, são três atividades. P/1 – E lazer e passatempos? O que é que faz? R – Ah, arrumo sempre tempo para lazer. Sábado e domingo, saio de manhã para ver doente e domingo ver doente no hospital, só. É coisa de ir lá visitar, trocar um curativo e me meto em lazer. Tenho tempo para lazer. P/1 – Mas qual é o seu lazer favorito? R – Olha, uma das coisas que gosto muito de fazer é mexer com flor. E cuidar de filho [risos]. P/1 – [Risos] Doutor David, qual é seu maior sonho hoje? R – É manter isso com saúde. P/1 – Se tivesse que mudar alguma coisa na sua trajetória de vida, mudava? R – Não, acho que estou muito feliz com o que estou fazendo e acho que é um bom futuro [chora]. P/1 – Doutor David, o que é que acha de ter participado dessa entrevista para o Projeto Memória Unimed-Rio? R – É uma coisa assim encantadora [chora]. Fiquei emocionado, estão vendo aí. É uma maneira de lembrar coisas muito boas, ruins e poder transmitir às outras pessoas a experiência. De cabelo branco. Experiência de vida [chora]. P/1 – Obrigada, Doutor David, foi uma excelente entrevista. R – De nada. P/2 – Obrigado e bom dia. ---FIM DA ENTREVISTA---